

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA-UNIPAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB/EAD
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO**

SILAS LACERDA DOS SANTOS

**REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLETINDO UMA
CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Bagé
2023**

SILAS LACERDA DOS SANTOS

**REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLETINDO UMA
CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação Lato sensu de Especialização em Mídia e Educação (modalidade à distância) da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientador: Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S237r SANTOS, SILAS LACERDA DOS
REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLETINDO UMA
CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTA / SILAS LACERDA DOS SANTOS.
17 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) --
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2023.

"Orientação: Miro Luiz dos Santos Bacin".

1. Redes sociais. 2. Relações Étnico-Raciais. 3. Mídia e
Educação. 4. Racismo. I. Título.

SILAS LACERDA DOS SANTOS**REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLETINDO UMA
CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 23 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin
Orientador
(Unipampa)

Prof.^a Dra. Adriana Ruschel Duval
(Unipampa)

Prof.^a especialista Jandira Elohá Lopes



Assinado eletronicamente por **MIRO LUIZ DOS SANTOS BACIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/01/2023, às 11:12 conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/01/2023, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JANDIRA ELOHÁ LOPES, Usuário Externo**, em 03/02/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1034032** e o código CRC **B2EFF356**.

RESUMO

O presente estudo emerge com objetivo de construir reflexões e discussões para uma conscientização antirracista com vistas as redes sociais e as relações étnico-raciais. Como questões norteadoras da pesquisa, propõe-se as seguintes inquietações; 1) De que maneira ocorre as Relações Étnico-Raciais nas Redes Sociais? 2) Nas Redes Sociais ocorrem discursos racistas? 3) Quais os principais discursos usuários das Redes Sociais proferem em práticas racistas? Na metodologia, transita-se pela *Pesquisa da Pesquisa* ou precisamente com a *Pesquisa bibliográfica*, compreendendo que esta consiste no objetivo de reunir informações e dados que servem como base para construção da investigação proposta a partir da temática, limitando assim discussões como modo de aprofundamento, tomamos por base Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2003). Dessa forma, hipoteticamente, parte-se da prerrogativa de que esses estudos sejam bastantes oportunos, já que há uma relação indissociável entre eixos temáticos e que alterações tecnológicas se dão principalmente pelo fluxo da criação e utilização, sejam elas sociais, comunicacionais, informacionais, que vem o tempo todo para auxiliar no cotidiano dos sujeitos, além também de atender necessidades específicas do mercado. A importância de uma conscientização antirracista por parte dos sujeitos que utilizam as redes sociais é de extrema importância, em justificativa da diversidade de mídias e acessos existentes em redes. É imprescindível que estamos na era da conexão e esta tem nos colocados em sinergia com o espaço virtual, o urbano e a mobilidade. A era da mobilidade está condicionada ao ciberespaço e isso é indissociável - espaço esse tecnológico que ao invés de disseminar o ódio e a discriminação, por vez acaba propagando e não proporcionando uma conscientização antirracista aos usuários. Necessitamos do exercício de um olhar crítico-reflexivo e atento para às peculiaridades que envolvem o processo de produção da informação, da maneira que os sujeitos se posicionam no mundo de forma consciente, diante de um contexto fortemente marcado pela revolução tecnológica e pela circulação em massa de informações constantemente. Nesse sentido, compreende-se que a partir dos estudos propostos, tornará relevante no campo científico, servindo para estudos e pesquisas futuras por outros sujeitos do campo das Ciências Humanas e também para as subáreas Educação e Ensino, ou das Ciências Sociais, contemplando investigações na Sociologia, na Antropologia e na Ciência Política e outras que tomem as mídias e as relações étnico-raciais como caminhos possíveis para se refletir identidades e culturas em suas diversidades, entendendo o sujeito como ser social.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais; Relações Étnico-Raciais; Mídia e Educação; Racismo.

ABSTRACT

The present study emerges with the objective of constructing reflections and discussions for anti-racist awareness with a view to social networks and ethnic-racial relations. As research-based questions, the following concerns are proposed; 1) How does Ethnic-Racial Relations occur on Social Networks? 2) Do racist speeches occur on Social Networks? 3) What are the main discourses that social media users give in racist practices? In the methodology, we move through research research or precisely with bibliographic research, understanding that it consists in the objective of gathering information and data that serve as a basis for the construction of the research proposed from the theme, thus limiting discussions as a way of deepening, we take as a basis Gil (2002) and Lakatos and Marconi (2003). Thus, hypothetically, it is based on the extension that these studies are quite timely, since there is an inseparable relationship between thematic axes and that technological changes occur mainly by the flow of creation and use, whether social, communicational, informational, which comes all the time to assist in the daily life of the subjects, in addition to meeting specific market needs. The importance of anti-racist awareness on the part of subjects who use social networks is extremely important, in justification of the diversity of media and access existing in networks. It is essential that we are in the age of connection and this has placed us in synergy with virtual space, urban and mobility. The era of mobility is conditional on cyberspace and this is inseparable - this technological space that instead of spreading hatred and discrimination, sometimes ends up propagating and not providing an anti-racist awareness to users. We need the exercise of a critical-reflexive and attentive look at the peculiarities that involve the process of information production, the way that the subjects position themselves in the world consciously, in the face of a context strongly marked by the technological revolution and the mass circulation of information constantly. In this sense, it is understood that from the proposed studies, it will make relevant in the scientific field, serving for future studies and research by other subjects in the field of Human Sciences and also for the sub-areas Education and Teaching, or social sciences, contemplating investigations in Sociology, in Anthropology and Political Science and others that take the media and ethnic-racial relations as possible ways to reflect identities and cultures in their diversities, understanding the subject as a social being.

KEY WORDS: Social networks; Ethnic-Racial Relations; Media and Education; Racism.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias corroboram para uma articulação e compartilhamento de conhecimento em rede, que por vezes permitem o desenvolvimento, a atualização e modernização da comunicação entre as pessoas. Com o advento das tecnologias digitais, estamos constituindo maneiras democráticas de exercermos a produção da comunicação, sendo essa diferente da que tínhamos antes. Na perspectiva teórica de Pretto *et al* (2008), compreendemos que pela lógica da cultura digital, estamos potencializando dimensões de criação, produção e difusão de ideias a partir do movimento ocasionado pelo encontro de diferentes culturas, de modo a proporcionar condições para transformações sociais.

Nesse sentido, entende-se que o sujeito é realocado para uma posição de coenunciador dos processos comunicativos. A constituição da sociedade midiaticizada evidencia potencialidades interacionais dos sujeitos com seus objetos, diversificando mediações, ampliando o campo de produção simbólica e formatos de aprendizagens, promovendo mais possibilidades de ressignificação e compartilhamento de conteúdo com outras pessoas, por diversos meios, de maneira a formar rede de saberes e comunicação. Assim corroboram e interligam, não cabendo nesse tempo presente a dissociabilidade, uma vez que as potencializam para o uso constante de ferramentas, constituindo espaços de compressão de realidades e intervenções, além de contribuir para a construção de significados que emergem em espaços interativos, valorizando processos individuais e coletivos.

As tecnologias nos permitem exibir informações específicas da sociedade em rede, podendo minar perigosamente dois fundamentos de qualquer sistema político de liberdade: participação e deliberação cívica para o desenvolvimento social e humano. Uma ordem democrática funcional estará com sérios problemas se os processos de filtragem de comunicação forem radicalizados e disseminados indiscriminadamente através da rede. Se os cidadãos restringirem seu consumo digital, eles estarão sacrificando a exposição a diferentes opiniões, especialmente aquelas que tratam de questões comuns (política, moral social, cultura...) necessárias para a vida pública ou opiniões públicas sólidas. As novas formas de socialização tecnológica, especificamente das redes sociais, tendem a fortalecer laços sociais existentes de relacionamentos, além de oportunidades constantes. Tais formas de socialização (desenvolvidas com a ajuda das redes sociais) aumenta a “cidadania alimentada pela rede”, desde que o usuário não se feche em um grupo social em particular e sucumba a um tipo de experiência tecno-socializante que o isola dos problemas sociais ou desafios gerais que nosso mundo global requer que confrontemos (GOZÁLVEZ, 2014).

A partir dos estudos de Andrade e Carvalho (2021), tomando por base a obra “*Cidade para todos: existências e resistência no espaço urbano e a influência do discurso de ódio nas mídias sociais*”, compreendemos que é preciso a existência de um campo cujo pensamento e reflexão se diversifique intensamente à medida que percebemos a necessidade de um olhar crítico e as mídias tornam-se uma forte potencialidade tecnológica. Inferimos assim que as relações étnico-raciais estão nas cidades, sejam elas de raça, etnia, gênero ou sexualidade e entre outros grupos de minorias e intersecções. Por essas multiplicidades de experiências, saberes e intersecções, seria o mesmo que afastar de uma visão conservadora, branqueada e eurocêntrica, nos convocando a pensar processos comunicativos que ultrapassem técnicas e perspectivas mecânicas, no entanto ainda exista no tempo presente a procedência de discursos de ódio nas redes sociais.

É de suma importância a conscientização em todo momento dos discursos que são proferidos e da maneira como ocorrem em detrimento de um monopólio de concentração do capital financeiro que tornam as pessoas desiguais, oportunizando as que terão ou não visibilidade social e condição de sobrevivência humana. Afasta-se do “centro” não só por propor olhares para acontecimentos, apropriações e estratégias gestadas e manifestadas fora de continentes e países considerados “desenvolvidos”, mas por pensar cotidianos e possibilidades que não se restringem ao eixo considerado como centro econômico brasileiro.

Segundo apontamentos feitos por Andrade e Carvalho (2021), sofrer com a exclusão do acesso as tecnologias seria como lidar com a violência de setores mais privilegiados e, também, de forças pertencentes ao Estado, manifestado por meio do racismo estrutural, sendo que todos compartilham uma violência em comum, a condição de exclusão e de estarem à margem da sociedade elitizada/branqueada. A construção do conhecimento a partir de inquietações e experiências em regiões (geográfica ou simbolicamente) consideradas periféricas, diretamente manifestada por alguns pela relação de poder, perspectivas que não rompem junto às tecnologias, potencialidades e silenciamentos em disputas. No sentido de pensarmos que grupos minoritários estão em condição de exclusão e à margem da sociedade elitizada/branqueada, podemos inferir que:

O racismo brasileiro acontece de forma estrutural, ou seja, tem sido desenvolvido desde a colonização das terras brasileiras e a cada período histórico é caracterizado de uma forma, sendo que sempre teve a função de trazer o imobilismo social e encaminhar o ideal genocida e epistemicida (ANDRADE; CARVALHO, 2021, p. 72).

Pelo racismo estrutural existente no Brasil, nota-se que as tecnologias, suas potencialidades e silenciamentos também andam nesse campo de disputa, pois tanto as práticas comunicativas quanto as tecnologias não conseguem passar incólumes às heterogêneas

territorialidades e modos de vidas. Formas de sociabilidades impactam nas produções midiáticas, nas transformações sociais, nas leituras da realidade e nos produtos culturais, nas configurações urbanas, na reverberação de acontecimentos, interações, táticas de monitoramentos e controles, por uma virtualização de processos produtivos, pela produção e reprodução de desigualdades.

O contexto das redes sociais tende a ser extremamente utilizado na sociedade contemporânea, já não podendo estar separada dos sujeitos em tempos de globalização e de cultura digital. Nesse sentido as mídias podem ser, a partir da hermenêutica, interpretada de diferentes formas, embora proporcionem uma ampla forma de interação e acesso a espaços e conteúdos informativos, um ciberespaço que proporciona a propagação de violência. Ao tempo em que o espaço midiático pode unir e integrar, ele também pode agir reafirmando agressões ao conjunto de oprimidos que já não são pertencentes ao espaço urbano (ANDRADE; CARVALHO, 2021. p. 179).

As desigualdades tanto sociais, raciais, regionais, de acesso às tecnologias, quanto educacionais e de acesso à alfabetização de qualidade, também são obstáculos comunicativos. Considerando a comunicação como direito humano, algo imprescindível a um mundo contemporâneo que se autorreferencia como “interconectado”, há muitos desafios pela frente, porque ainda existem muitas precariedades que se interpõem às práticas comunicativas e ao acesso à vida digna.

Neste sentido, o presente estudo tem-se como objetivo geral construir reflexões e discussões para uma conscientização antirracista com vistas as redes sociais e as relações étnico-raciais. Como questões-problemas, entender: 1) De que maneira ocorre as Relações Étnico-Raciais nas Redes Sociais? 2) Nas Redes Sociais ocorrem discursos racistas? 3) Quais os principais discursos usuários das Redes Sociais proferem em práticas racistas?.

Caminha-se por uma metodologia que transita pela *Pesquisa da Pesquisa* ou precisamente *Pesquisa bibliográfica*, compreendendo que esta consiste no objetivo de reunir informações e dados que servirão como base para construção da investigação proposta a partir da temática, limitando assim as discussões que emergem e servindo assim como modo de se aprofundamento. Segundo Gil (2002) “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema” (p. 17). Ao passo que para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Tornando evidente que a partir desta, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, a pesquisa bibliográfica

também ajuda a identificar contradições e respostas anteriormente encontradas sobre as perguntas formuladas.

Haja vista que a partir dos estudos propostos, entende-se que contribuirão para a relevância da pesquisa, servindo para estudos e pesquisas futuras no campo das Ciências Humanas para a subárea Educação e Ensino, ou das Ciências Sociais, contemplando investigações na Sociologia, na Antropologia e na Ciência Política, entendendo assim o homem como ser social, dentre outras ramificações e possibilidades. Torna-se relevante para que outros pesquisadores e/ou acadêmicos amadureçam seus estudos posteriormente, a partir da busca por embasamentos e intersecções de outras áreas do saber inerentes da Educação, da História, das Artes, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência Política e outras que tomem as mídias e as relações étnico-raciais como caminhos possíveis para se refletir identidades e culturas em suas diversidades.

Desse modo, hipoteticamente, parto da prerrogativa de que esses estudos sejam bastantes oportunos, já que há uma relação indissociável entre esses eixos e que alterações tecnológicas se dão principalmente pelo fluxo de criação, sejam elas sociais, de comunicacionais, informacionais e que vem para auxiliar no cotidiano dos sujeitos, além também de atender necessidades do mercado. A necessidade de uma conscientização antirracista por parte de sujeitos que utilizam as redes sociais é de extrema importância, em justificativa da diversidade de mídias e acessos existentes em redes. Uma vez que a era da conexão tem colocado em sinergia o espaço virtual, o espaço urbano e a mobilidade.

É preciso pensar a era da mobilidade como um ciberespaço – espaço tecnológico possível de disseminar o ódio e a discriminação, propagando assim uma conscientização antirracista. Nesse sentido, necessitamos do exercício de um olhar crítico e atento para às peculiaridades que envolvem o processo de produção da informação, da maneira que os sujeitos se posicionam no mundo de forma consciente, diante de um contexto fortemente marcado pela revolução tecnológica e pela circulação em massa de informações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Redes sociais e Racismos: discursos e violências simbólicas

Percebe-se que na contemporaneidade as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) vem sendo constantemente utilizadas nas relações humanas, tornando indissociáveis nas relações humanas. Na compreensão de Santos (2020) “as TICs articulam armazenamento, processamento e transmissão de mensagens, que por vezes controlam a relação entre as pessoas e produtos, dos

sinais de uso à linguagem” (p. 261). Haja vista que “o uso das TICs se tornam importantes na produção do conhecimento, justamente por corresponderem a todas as tecnologias que interferem e mediam processos informacionais e comunicativos entre os sujeitos” (SANTOS, 2020, p. 261).

Nessa perspectiva, infere-se que estamos vivenciando a Era da cultura digital e da sociedade em rede, justamente pelo fato de as mesmas estarem interligadas no modo de vida das pessoas, uma vez que os indivíduos estão constantemente imersos em janelas que condicionam uma ampliação da capacidade intelectual. Para Santos (2020) “a construção do conhecimento é produzida em rede, pois as aprendizagens se constroem pela apropriação de artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros. Logo, se aprendemos é justamente porque nos comunicamos, fazemos cultura e produzimos sentidos e significados” (p. 263). Ainda expõe que,

na sociedade contemporânea, uma série de transformações vem acontecendo com o advento das TICs, com o acesso instantâneo a todo tipo de informação é possível compartilhar experiências e participar da construção do conhecimento. Isso possibilita a interatividade, a interferência e a colaboração com a produção intelectual, gerando uma nova forma de comunicação e aprendizado (p. 263).

Ou seja, na Era da cultura digital e da sociedade em rede, às TICs e TDICs surgiram e se popularizaram na promoção da revolução dos sujeitos, readaptando assim hábitos cotidianos. Por essa emergente mudança nas práticas sociais, temos constituídos diversos espaços sociais, de modo a criarmos uma nova relação com o saber, a aprendizagem e a influência em outras culturas. No avançar das tecnologias, consideramos que as informações étnico-raciais têm se configurado de plena importância, na medida em que se pode contribuir para a Ciência da Informação de forma a considerar a questão racial no Brasil. Para além disso, a conscientização étnico-racial tem como discussões emergentes no que tange sua disponibilização e produção. Para Ferreira (2016),

nesse contexto, se levarmos em consideração que parte das publicações nas redes sociais decorre de compartilhamentos que, em muitos casos, são frutos das chamadas ‘viralizações’ da rede; nem sempre tais *posts* significam algo verdadeiramente para os usuários (p. 74).

No sentido da significação dos *posts* em relação ao usuário das redes sociais, podemos compreender como discurso, na medida em que o outro – receptor ou receptor – ao ter contato com a postagem, compreendê-la, atribuindo-lhes sentidos, o que fará formulando algum novo enunciado. A discussão acerca da compreensão que se dá ao texto, a partir da vivência do discurso dialógico proposto por Bakhtin (2003), traz à tona questões referentes à posição do sujeito frente ao ato discursivo, em que indivíduos interagem e produzem sentido, conforme

menção, nos chamam a atenção para o papel do contexto face à ação dialógica que se estabelece por meio do enunciado em sua relação *com* e *entre* os sujeitos:

A tendência é que as tecnologias estejam cada vez mais inseparáveis da sociedade e que a informatização de conteúdos se transforme em vastas amplitudes de acessos, de modo a proporcionar aos usuários mobilidades físicas e virtuais. Nessa intersecção justificamos, a partir de estudos, que “a cultura digital está marcada pela interconexão, interatividade, inter-relação entre homens e informações e imagens” (SANTOS, 2019, p. 176). Ou seja, essas podem ser compreendidas como novas práticas socioculturais e que estão o tempo todo marcadas por informações em redes, em que os usuários estão constantemente interligados a tecnologias diversas. As TICs e as TDICs proporcionam inúmeras possibilidades de ampliação, proporcionando um fácil compartilhamento e divulgação de conhecimentos em rede, tendo em vista que o acesso à informação está interligado, como um amalgama ao homem pós moderno.

Podemos encarar as redes sociais virtuais como um ambiente em que as discussões recorrentes as questões étnico-raciais têm estado presentes constantemente. Reconhecidas como um marco na transformação da comunicação, as redes permitem que, através da interatividade, do compartilhamento e do consumo de informações, ocorra a transformação da internet como uma das principais estruturas da comunicação na vida de grande parte das sociedades, construindo assim para um ambiente em que as ligações são capazes de criar novas reflexões e impactarem diretamente em questões sociais. Segundo Recuero (2009), ao tratar dos estudos das redes sociais na *internet*, o mesmo vai mencionar que,

problemas de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos (p. 24).

Diante dessa prerrogativa, as identidades seriam o princípio organizacional das redes. Já para o Castells (2016), na discussão recorrente a identidade, infere que o “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (p. 78). A representação do negro segue a lógica racista da sociedade, a Ciência da Informação necessita de sensibilização social, de modo que através de ações culturais pode-se viabilizar políticas, transmitir conhecimentos historicamente negados e apresentar novas formas de representação das pessoas negras. Nesse sentido, o conceito de racismo por Rocha (2016) corrobora a entendermos que,

crença na existência de raças e sua hierarquização. É a ideia de que há raças e de que elas são naturalmente inferiores ou superiores a outras, em uma relação fundada na

ideologia de dominação. As características fenotípicas são utilizadas como justificativa para atribuição de valores positivos ou negativos, atribuindo a essas diferenças a justificativa para a inferiorização de uma raça em relação à outra (p. 10).

A pauta do racismo no Brasil necessita de um empoderamento diário de construções, desconstruções, recomposições (entre tantos processos plurais de leitura, interação e transformação do mundo). O racismo ainda é um fenômeno enraizado desde a época do escravismo e que vem ganhando forças nas redes sociais, constantemente agressores buscam inferiorizar, desprezar e marginalizar os negros o tempo todo, desde os seus traços físicos, condições de raça, suas tradições e entre outros elementos que compõem a identidade do negro ou um grupo não pertencente à raça “superior”, ou seja, a raça branca.

É preciso educar para as relações étnico-raciais requerendo dos sujeitos estudos e uma conscientização antirracista das culturas pela exigência de uma aprendizagem e identificação crítico-reflexiva, de modo a desconstruir omissões, avaliações baseadas em preconceitos, construindo novas significações e sentidos. O combate às desigualdades tem o potencial de promover a democracia e concretizar saberes pertencentes a comunidades tradicionais. Apenas pela educação se alcançam mudanças de atitudes, superação e respeito mútuo, além de derrubar barreiras da epistemologia colonizadora (SANTOS, 2021, p. 62).

Assim sendo, diante das discussões postas, compreendemos que a partir de um lugar de falas pessoais que aproximamos da temática racial. Espaços não podem ser neutros, pois a neutralidade em relação à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no Brasil é compactuar com a permanência de um sistema de opressão que sistematicamente perpetua desigualdades, desumanidades, sofrimentos, mortes, violências físicas e simbólicas das mais distintas ordens diariamente.

2.2. EDUCAÇÃO ESCOLAR: formação de cidadãos críticos para intervenção no mundo a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Em decorrência do crescente avanço das mídias, automaticamente da comunicação tecnológica, a escola tem que acompanhar esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, compreender a realidade social, participando ativamente das tomadas de decisões, haja vista que a circulação e produção do conhecimento e informação tem ganhado grandes proporções. Assim, tem-se, implícita, a tentativa de responsabilização do indivíduo pelos problemas decorrentes da exploração capitalista, cabendo à educação formar os trabalhadores, segundo os novos padrões de exploração do trabalho.

Na especificidade da Escola e da constituição da cidadania, os PCNs destacam que conteúdos ensinados nas instituições de ensino devem estar em consonância com as questões

sociais a partir de cada momento histórico, pois, assim, eles se constituem como instrumentos que proporciona o desenvolvimento e habilidades dos sujeitos, de socialização e de exercício da cidadania democrática. Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais concebem a educação escolar como:

[...] uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente (idem, p. 33).

Ultimamente temos ouvido constantemente a palavra cidadania, sendo essa usada com veemência em inúmeros seguimentos sociais, fazendo com que parte do cotidiano das pessoas, por meio das mídias, passam a se preocupar com a transmissão dos conteúdos produzidos e acumulados historicamente, assumindo o papel de formar cidadão consciente e ético por via de suas produções ou conduções de diferentes TICs e TDICs.

Em consonância com as considerações expostas, a formação da consciência cidadã é uma questão relevante na contemporaneidade. No âmbito da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997) enfatizam a necessidade de formação da consciência cidadã. Segundo os PCNs do Ensino Fundamental, a LDB nº 9394/96, determina que a educação deve: “[...] proporcionar aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto - realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania” (*ibidem*, p.13 [grifos nossos]).

Na quinta parte do volume introdutório dos PCNs, intitulado TICs, observamos que:

As demandas atuais exigem que a escola ofereça aos alunos sólida formação cultural e competência técnica, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam a adaptação e a permanência no mercado de trabalho, como também a formação de cidadãos críticos e reflexivos, que possam exercer sua cidadania ajudando na construção de uma *sociedade mais justa, fazendo surgir uma nova consciência individual e coletiva, que tenha a cooperação, a solidariedade, a tolerância e a igualdade* como pilares (BRASIL, 1997, p.138 [grifos nossos]).

Segundo os PCNs, a cidadania “[...] deve ser compreendida como produto de histórias vividas pelos grupos sociais, sendo, nesse processo, constituída por diferentes tipos de direitos e instituições” (idem, p.19). Assim, propõe uma educação comprometida com a cidadania com princípios baseados na Constituição de 1988 que preconiza: a dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação e a co-responsabilidade pela vida social. Diante disso, a cidadania é eleita como eixo central da educação escolar.

Para os PCNs o sistema educacional deve propor uma prática educativa que considere as necessidades e interesses dos alunos de forma a garantir a formação de “[...] cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem”. Preconiza que, para o exercício da cidadania, é necessário o acesso a totalidade dos recursos culturais relevantes para a participação e intervenção na vida social.

Enquanto instituições sociais, o ambiente escolar deve e pode contribuir para o enfrentamento das desigualdades sociais, uma das formas em que pode haver a conscientização é fazer com que o sujeito entenda seus direitos e deveres como cidadão. Sabe-se que a Educação se consolidou como um dos pilares da estrutura social vigente e, assim, forjando como elemento de sustentação da desigualdade social. Infelizmente grande parte das escolas estão longe desse ideal, podendo apresentar estratégias a serem desenvolvidas/aplicadas nas escolas para que seja evitada a consolidação das desigualdades existentes na sociedade, sejam elas de ordem social, cultural ou étnico-racial. Ainda, inferimos que as leis 10.639/03 e 11.645/11 também tem fomentado uma educação decolonial e antirracista e tem fortalecido o trabalho de combate ao racismo.

É um grande agravante em pensar que não avançar na qualidade da aprendizagem também signifique comprometer uma efetiva inclusão dos sujeitos no âmbito da vida social, comprometer o seu direito de atuar, como protagonistas, no mundo do trabalho, na vida cultural e sociopolítica. Não garantir a qualidade da aprendizagem dos sujeitos pode significar, ainda pior, a criação de uma cena de inclusão que, na realidade, mantém os segmentos mais empobrecidos da sociedade, efetivamente, excluídos, apesar de formalmente incluídos no sistema escolar.

CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR...

Na sociedade contemporânea, uma série de transformações vem acontecendo com o advento das tecnologias, com o acesso instantâneo a todo tipo de informação, sendo possível compartilhar experiências e participar da construção do conhecimento o tempo todo. Isso possibilita a interatividade, a interferência e a colaboração com a produção intelectual, gerando uma nova forma de comunicação e aprendizado (SANTOS, 2020). Desse modo, utilizar as tecnologias digitais em diversos espaços sociais é irreversível, a inserção e imersão podem proporcionar interatividade, promover e despertar a vontade de constantemente buscarmos mais. Desse modo, afirmamos que a utilização das diversas TICs e as TDICs requer uma remodelagem, uma inserção ao encontro da era digital, de modo que a mobilidade e acesso

variem de grupo social e com as relações de poder nas quais os sujeitos estão inseridos. Como nos coloca Cordeiro e Bonilla (2015),

O conjunto de práticas vivenciais que a mobilidade nos coloca, a dinamização e potencialização do pensamento, do deslocamento e da troca de informação, mediados pelas tecnologias digitais móveis, proporcionam um desprendimento das amarras de um contexto imediato, das limitações de um espaço/tempo cronológicos, delimitados, e sugerem aos interagentes/praticantes serem produtores de dinâmicas mais fluidas e flexíveis, o que potencializa uma reterritorialização e significação de espaços onde podem ser criados “novos sentidos de lugar”, através da produção de ambientes de postagens de textos, imagens, mensagens, onde se distribui informação e se participa, cocriando nesse novo espaço (p. 264).

A mobilidade e acesso as tecnologias digitais tendem a produzir ambientes e espaços a serem pensados a partir de um fluxo de práticas sociais, de maneira que estejamos em rede e compartilhemos ideias, estimulando assim práticas de produção livre e colaborativa. Na medida do possível e da disponibilidade de suportes tecnológicos existentes na contemporaneidade, consideramos a relevância significativa das mesmas, se somando como um amplo suporte de conscientização antirracista. Nesse sentido, instituições de ensino precisam empreender esforços no intuito de implementar essas discussões no âmbito social, como exigem, desde 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e, desde 2012, as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos e também. as leis 10.639/03 e 11.645/11 com o fomento de uma educação decolonial e antirracista.

O cidadão que vive em uma democracia multicultural deve perceber que a constituição de seu próprio país está baseada na pluralidade étnico-racial e que isso implica não apenas nos modos de ver, explicar e interagir com os contextos e os sujeitos. O que não é possível para esse cidadão, vivendo em uma democracia, é a rivalização com o que lhe for diferente, e sim a postura de saber dialogar com essas diferenças. Assim, cabe-nos constantemente a reflexão para que sejam pensadas formas de lidarmos com as redes sociais e as relações étnico-raciais.

Em suma, compreendemos que para o uso das TICs e as TDICs a necessidade evidente de formação e aperfeiçoamento constantemente. Uma vez que precisamos constantemente buscar conhecer e conscientizar da adoção, refletindo práticas e processos, conduzindo para a apropriação de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. Aprendizagem em rede e formação docente: trilhando caminhos para a autonomia, a colaboração e a cooperação. In: VEIGA, I. P. A; D'ÁVILA, C. M. (Orgs.) **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papirus, 2008).

ANDRADE, A. T.; CARVALHO, G. S. Cidade para todos: existências e resistência no espaço urbano e a influência do discurso de ódio nas mídias sociais. In: SOUZA, M. F. P. (orgs). **Comunicação, Tecnologia e Sociabilidades**. Série Comunicação/Organizadora(s): Marcela Fernanda da Paz de Souza; Rodrigo Daniel Levoti Portari; Douglas Aparecido Ferreira - Catu: Bordô-Grená, 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999, p. 39 – 57.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e terra, 2016.

CORDEIRO, S. F. N; BONILLA, M. H. S. **Tecnologias digitais móveis: reterritorialização dos cotidianos escolares**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 259-275, abr./jun. 2015. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/rZfzdk8QXNQjyBFF4cwvwt/?format=pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

FERREIRA, H. J. G. P. **PRECONCEITO EM REDE: educação para as relações étnico raciais a partir do discurso dos usuários da internet**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, BRRS, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

Ministério da Justiça Secretaria Nacional de Justiça. Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação. Cadernos de debate da classificação indicativa. Vol. 5, Ed. 1, MJ-Brasília, 2014. **EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA**. In: **Educação para a Cidadania Democrática em uma Cultura Digital**. Vicent Gozávez. p. 39-51.

PRETTO, N. L. ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já!. In Pretto, Nelson De Luca. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**/Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira: organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

ROCHA, R. (2016). **Assistente social no combate ao preconceito**. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno03-Racismo-Site.pdf>. Acesso em: 15 Maio2019.

SANTOS, S. L. **Quilombo e(m) Cena: o Auto de São Benedito e as Relações Étnico-Raciais em Helvécia-BA**. 2021. 240f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Teixeira de Freitas, 2021.

SANTOS, S. L. **O uso do celular como recurso pedagógico no ensino de Língua Portuguesa (LP)**. Revista Língu@ Nostr@, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p.259-276, jan-julho. 2020. Disponível em: <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/177/146>. Acesso em: 30 ou. 2021.

SANTOS, S. L. **O uso do celular como recurso pedagógico no ensino de Língua Portuguesa (LP)**. Revista Língu@ Nostr@, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 259-276, jan-julho. 2020.

SANTOS, S. L. **O uso das Tecnologias na Formação Profissional e Tecnológica: um estudo de caso do Centro Territorial de Educação Profissional do Extremo Sul (CETEPES)**. Revista Ifes Ciência, v. 5, n. 2, p. 175-186, ano 2019.

SAMPAIO, M. N. **Alfabetização tecnológica do professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.